

Festival Camargo

Duas exposições e um livro mostram grandes momentos de um mestre da escultura nacional

Avesso a badalações, o escultor carioca Sérgio de Camargo há duas semanas enfrenta com paciência e bom humor uma maratona de entrevistas e sessões de fotografias digna de um cantor de rock. Toda essa agitação se justifica. Aos 60 anos, Camargo conseguiu atingir o ângulo mais radical e agudo da sua carreira — para não fugir das adjetivações comuns a sua obra. Ele é hoje consagrado como um dos três maiores escultores brasileiros, ao lado de Bruno Giorgi e Franz Weissmann. A qualidade do seu trabalho belíssimo e singular pode ser atestada em São Paulo por três grandes eventos envolvendo o seu nome. O Gabinete de Arte Raquel Arnaud mostra até o próximo dia 20 de outubro uma exposição individual com quinze peças inéditas do artista, recém-chegadas da Itália. Nesta terça-feira o Paço das Artes de São Paulo abre a exposição *Sérgio de Camargo — O Espaço do Artista Quando Jovem*, reunindo dez peças representativas das décadas de 50 e 60.

Para completar esse ciclo informal de homenagens, a Clinch Propaganda de São Paulo e a Edições Akagawa, com a colaboração do próprio Gabinete Raquel Arnaud, lançam o livro *Camargo*, uma luxuosa edição bilíngüe que reúne um amplo registro fotográfico da trajetória do artista. Para quem não dispõe de pelo menos 22 000 dólares para comprar a mais barata das peças em exposição no Gabinete de Arte — a mais cara custa 50 000 dólares —, o livro oferece uma opção quase tão salgada: custa 15 000 cruzeiros. *Camargo* pouco deixa a dever aos bons livros de arte publicados no exterior. Seu único tropeção é trazer um estudo da evolução da obra do escultor incompreensível para os mortais comuns — ao menos para os que apreciam arte, mas não falam o dialeto dos críticos. Em nome de teorias estéticas herméticas como uma caixa de chumbo soldada, mais uma vez a clareza e a objetividade foram deixadas de fora de um livro de arte. Até mesmo Albert Einstein desistiria de tentar decifrar equações como, por exemplo, “a sua unicidade é, de modo emi-

nente e também iminente, relativa — leia-se da esfera da relatividade”.

PRIMEIRO SUSTO — Apreciar as esculturas de Sérgio de Camargo não exige qualquer teoria artístico-místico-literária. As peças em exposição no Gabinete de Arte, que não estão reproduzidas no livro, fazem parte do mais novo lote de obras produzidas pela equipe de artesãos de Massa, uma pequena cidade perto de Carrara, na Itália, que há vinte anos executa com irretocável perfeição as propostas do artista, sejam elas em mármore branco, sejam em negro-belga — uma espécie rara de carvão fóssil. Sérgio de Camargo desenvolveu ao longo dos anos um método singular de trabalho do qual não fazem parte o lápis e o papel. Ele estuda e compõe em escala menor. Joga com pequenos módulos de madeira, se lança com rigor à caça do que poderá se tornar a composição ideal. É capaz de passar anos em busca de um ângulo de corte e de um encaixe perfeito.

“Fazer uma obra de arte é formular e estruturar uma percepção. Enquanto essa percepção for vaga, o trabalho deve ser constante”, diz o artista. Camargo continua, sem dúvida, obsessivo. As novas formas ovais da exposição do Gabinete, por exemplo, surgiram depois de dez anos de estudos e a partir da conclusão de que o corte do cilindro deveria ser feito a precisos 50 graus de inclinação. Camargo costuma manter as peças acabadas consigo um bom tempo, estudando-as. A serialização, uma constante em sua carreira, é fruto justamente dessa convivência, das possibilidades do surgimento de uma nova peça a partir da observação da anterior. “O primeiro susto quem leva sempre sou eu. Como é que consegui fazer isso?”, comenta com bom humor.

A maratona que Camargo tem cumprido nas últimas semanas, com as duas exposições e o lançamento do livro, lhe

traz ao mesmo tempo júbilo e necessidade de uma redobrada atenção à forma física, castigada regularmente quase que com o mesmo rigor com que constrói sua obra magnífica. Exposto a riscos graves como enfisema e cirrose, o artista não dispensa um bom copo e tragadas frequentes em cigarros fortes.

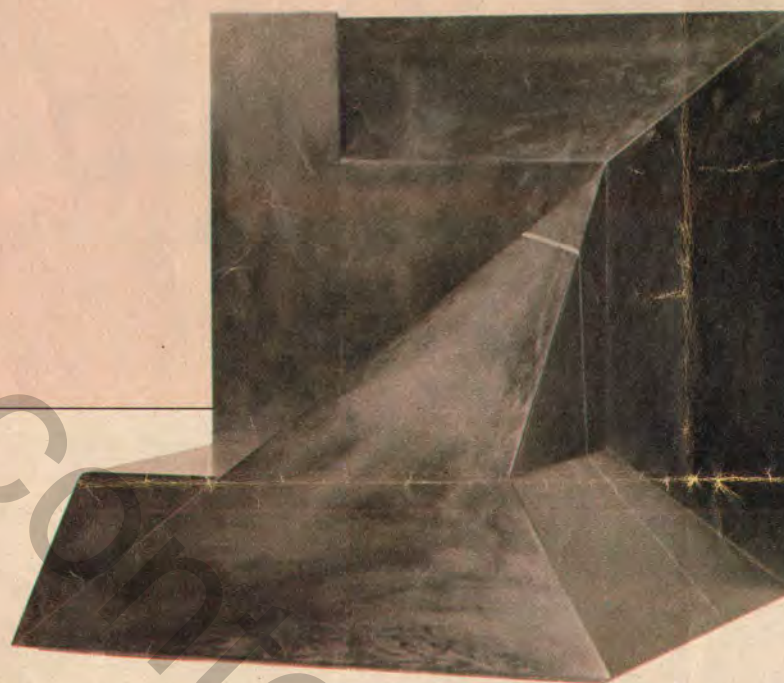
RARIDADES — A trajetória artística de Sérgio de Camargo é o sonho de todo jovem recém-egresso dos bancos das faculdades de artes plásticas, seja de São Paulo, seja de Paris. Suas obras podem ser encontradas em acervos como o da conceituadíssima Tate Gallery, em Londres, do Centre National d'Art Contemporain, em Paris, do Rijkmuseum Kroller Muller, na Holanda, ou de famosas instituições americanas, como o Dallas Museum of Fine Arts e o Hirshhorn Museum and Sculptural Garden de Washington. Com seus primeiros relevos de madeira, pintados de branco, foi premiado na III Bienal de Paris em 1963 e em outras bienais de peso, como a de Veneza, que também lhe rendeu pavilhões especiais.

São obras dessa importante fase de consolidação do nome de Sérgio de Camargo no cenário da escultura brasileira, a partir dos anos 50 e 60, que estarão em exposição no Paço das Artes. Ao todo, a



Camargo: poesias francesas e espanholas como fonte de inspiração nas horas vagas

“A arte continua não servindo para nada, mas não podemos ficar sem ela”



Construção em ângulos: jogo de luz e sombra, constante em sua obra



Forma oval: dez anos de estudos para elaborar a simplicidade absoluta

exposição reúne dez peças, sendo nove delas do acervo pessoal do artista. Entre as raridades, encontram-se duas obras figurativas — mulheres feitas de bronze — e outras duas de mármore, que pertencem a uma série intitulada *Germinal*. São esculturas orgânicas, de enorme impacto, incluídas num conjunto de apenas cinco obras concebidas e vendidas quando o artista ainda morava no exterior.

FALSO PROBLEMA — Como Sérgio de Camargo viveu muitos anos em Paris, onde chegou a estudar filosofia na Sorbonne, alguns críticos se apressaram a tentar atrelá-lo a algum dos movimentos importantes dos quais foi contemporâneo. Ele, no entanto, sempre fugiu da classificação, do rótulo explícito. Admite apenas a influência do escultor romeno Constantin Brancusi, cujo ateliê em Paris visitou com assiduidade. Desde então, seu caminho tem sido de descobertas solitárias. “Falar em arte brasileira é uma balela, um falso problema. Não se faz deliberadamente arte brasileira”, preconiza. Parte da sua obsessão pelas formas geométricas talvez se explique pelo fato de ter vivido sua infância e adolescência entre as paredes de uma cobertura em Copacabana projetada por Oscar Niemeyer, um dos pilares da arquitetura racionalista, cuja fama foi construída com a mesma generosidade de linhas e curvas existentes nas esculturas de Camargo. É nesse mesmo apartamento, que voltou a ser habitado pelo artista desde que retornou ao Brasil, que Camargo conserva uma das suas paixões: uma vasta biblioteca, iniciada pelo avô, que atuava no ramo da construção civil, posteriormente enriquecida pelo acervo deixado pelo pai, advogado.

Camargo é um colecionador determinado de poesias francesas e espanholas, e admirador apaixonado do escritor argentino Jorge Luis Borges, pródigo em imagens literárias tão precisas e poéticas quanto suas esculturas. Desgostoso com a vida no Rio de Janeiro — “cada vez mais terrível e decadente” —, Sérgio de Camargo divide seu tempo entre um sítio em Jacarepaguá, na Zona Oeste do Rio, onde mantém em atividade o seu ateliê, e a cobertura em Copacabana. Do alto da mesma rigidez de princípios que sempre norteou sua carreira, considera encerrada a polêmica que suscitou há um ano com o escultor paulista Marcelo Nitsche, de 47 anos, a quem acusou de ter plagiado uma de suas obras. Entre tragadas de cigarro, ele filosofa: “A arte continua não servindo para nada, mas não podemos ficar sem ela”.

SILVIO GIANNINI